

## EXPOSIÇÕES VIRTUAIS NO ISOLAMENTO: A MEMÓRIA INSTITUCIONAL DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS A PARTIR DOS ACERVOS DOS SEUS FUNDADORES

Luiz Henrique Ramos Diniz<sup>1</sup>

Ráisa Mendes Fernandes de Souza<sup>2</sup>

José Francisco Guelfi Campos<sup>3</sup>

### RESUMO

A Faculdade de Medicina da UFMG foi fundada 1911 graças à atuação persistente de treze personalidades ilustres da saúde em Minas Gerais: Alfredo Balena, Antônio Aleixo, Aurélio Pires, Cícero Ribeiro Ferreira Rodrigues, Cornélio Vaz de Mello, Eduardo Borges Ribeiro da Costa, Ezequiel Caetano Dias, Honorato Alves, Hugo Furquim Werneck, Olyntho Deodato dos Reis Meirelles, Octávio Machado, Samuel Libânio e Zoroastro Rodrigues de Alvarenga. O Centro de Memória da Medicina, setor da faculdade responsável pela salvaguarda dos arquivos pessoais desses fundadores, foi contemplado e, 2020 com uma vaga de bolsista para o projeto “Arquivos pessoais e memória: educação patrimonial em história da saúde a partir dos fundadores da Faculdade de Medicina de Bello Horizonte”. Com o surgimento da pandemia e, conseqüentemente, a introdução do trabalho remoto, as atividades precisaram ser adaptadas ao novo contexto. Assim, a partir de pesquisas sobre cada fundador, realizadas em diferentes bases de dados e nas parcelas já digitalizadas dos arquivos sob custódia do Cememor, foi possível iniciar um programa de exposições virtuais a respeito da história da faculdade e de seus patronos a serem exibidas no perfil institucional “@cememormfufmg” no Instagram. Este trabalho pretende abordar, para além dos desafios relativos ao redimensionamento dos objetivos iniciais do projeto, o necessário esforço conjunto para a instrumentalização da equipe no que tange ao uso de *softwares* de criação de conteúdo audiovisual e discutir as estratégias de difusão do patrimônio documental em redes sociais.

Palavras-chave: Exposição virtual. História da Medicina. Acervos pessoais.

### INTRODUÇÃO

Não é raro que as instituições acumulem, ao longo de sua existência, registros físicos que possam, futuramente, formar um acervo expressivo para a preservação de sua história e

---

<sup>1</sup> Graduando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais

<sup>2</sup> Bibliotecária do Centro de Memória da Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba.

<sup>3</sup> Professor da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo.

memória. Tais artefatos informacionais podem se apresentar na forma de documentos, livros e demais objetos tridimensionais. Le Goff entende “memória” como um conceito detentor de várias definições. Segundo o autor, a memória, como propriedade de armazenar determinadas informações, nos remete, primeiramente, a um conjunto de funções psíquicas, através das quais o homem consegue atualizar informações ou impressões do passado, ou que ele representa como passadas. Nesse sentido, o estudo da memória contempla a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia e a biologia (LE GOFF, 1924). Além da definição no campo científico global, Le Goff também propõe a reflexão acerca de concepções mais recentes de memória, baseadas em investigações das atividades mnésicas, integradas a todo o conjunto das atividades perceptivo-cognitivas que, segundo ele, deslocam a tônica para os

aspectos de estruturação, as atividades de auto-organização, o que caracterizaria os fenômenos da memória, tanto no âmbito psicológico como no biológico, como resultados de sistemas dinâmicos de organização, o que levou cientistas a aproximar a memória de fenômenos diretamente ligados à esfera das ciências humanas e sociais (LE GOFF, 1924, p. 367).

Outro fator a ser levado em consideração, são as contribuições dos avanços científicos para a dinamização do conceito de memória, pois, de acordo com Le Goff, os desenvolvimentos da cibernética e da biologia, o enriqueceram de maneira considerável, tanto no que diz respeito às aproximações metafóricas quanto no que concerne à memória humana consciente. Todavia, o autor afirma que essa extensão da memória à máquina e à vida teve repercussões diretas em pesquisas psicológicas a respeito da memória, o que imprimiu ao campo de estudos um caráter mais técnico, em detrimento do empirismo que o caracterizava anteriormente. (LE GOFF, 1927, p. 368). Os psicanalistas e psicólogos insistiram, seja a propósito da recordação, seja do esquecimento, nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição e a censura exercem sobre a memória individual. Nessa mesma perspectiva, a memória coletiva, de acordo com Le Goff, foi colocada em jogo de maneira importante na luta das forças sociais pelo poder, uma vez que

tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1927, p. 368).

Entendendo a memória como um conceito complexo que também abarca a seleção e preservação de determinados registros físicos, o presente estudo de caso se debruça sobre a memória institucional da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais

(FM-UFMG). Essa memória institucional encontra-se reunida especialmente no Centro de Memória da Medicina (Cememor), setor localizado no prédio da Faculdade.

Fundado em 1977 na FM, o Cememor é responsável pela preservação de documentos e instrumentos médicos que permitem reconstituir a história da Faculdade e da área médica em diferentes graus e extensões. O Cememor também responde, atualmente, pela custódia de uma importante coleção sobre seus treze fundadores, composta de cartas, fotografias, recortes de jornais e outros documentos incorporados posteriormente pela equipe que, de alguma forma, se relacionam com os precursores da FM.

Em vista desse rico material, que necessitava ser organizado, catalogado e posteriormente divulgado de forma digital para a comunidade extramuros da Universidade, elaborou-se um projeto de extensão intitulado “Arquivos pessoais e memória: educação patrimonial em história da saúde a partir dos fundadores da Faculdade de Medicina de Bello Horizonte”. Esse projeto, que tem como coordenadora a bibliotecária do Cememor e como orientador um docente do curso de Arquivologia, foi submetido no edital PROEX nº 1/2019, da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, e aprovado para início em 2020. Além de visar principalmente a difusão da vida dos fundadores para alunos de escolas públicas da cidade, esse projeto ofereceria subsídios para a comemoração de 110 anos da FM, a ser realizada no ano de 2021. Porém, em vista da pandemia de Covid-19, as atividades administrativas e didáticas foram suspensas, fazendo com que servidores e bolsistas passassem a trabalhar em regime remoto desde março de 2020.

Esse estudo de caso tem como objetivo geral discutir quais alternativas o Cememor desenvolveu nos anos de 2020 e 2021 para dar prosseguimento ao projeto de extensão sobre os fundadores da FM de forma remota. Seus objetivos específicos são:

- Detalhar os obstáculos encontrados ao longo do período de trabalho remoto;
- Identificar as potencialidades que o isolamento proporcionou para o projeto, mesmo perante suas limitações;
- Determinar quais foram as fontes documentais alternativas encontradas, uma vez que o trabalho remoto impediu o acesso ao acervo dos fundadores.

Em seguida, discutiremos brevemente as características das coleções preservadas pelo Cememor e sua história.

## **A ATUAÇÃO DO CENTRO DE MEMÓRIA DA MEDICINA E SEUS ACERVOS: BREVE HISTÓRICO E CONTEXTUALIZAÇÃO**

A Faculdade de Medicina da UFMG (FM), criada em 1911, é uma das mais antigas do Brasil, cuja excelência é reconhecida no país e no exterior. A instituição foi fundada com o nome de Faculdade de Medicina de Bello Horizonte e, ao longo da sua trajetória, contribuiu para a formação médica de personalidades importantes, como Juscelino Kubitschek, João Guimarães Rosa e Pedro Nava. A sua fundação só foi possível graças à atuação persistente de treze personalidades ilustres da saúde em Minas Gerais: Alfredo Balena, Cornélio Vaz de Mello, Zoroastro Rodrigues de Alvarenga, Cícero Ribeiro Ferreira Rodrigues, Otávio Machado, Eduardo Borges Ribeiro da Costa, Hugo Furquim Werneck, Samuel Libânio, Antônio Aleixo, Ezequiel Caetano Dias, Honorato Alves, Aurélio Pires e Olyntho Deodato dos Reis Meirelles.

A transição entre a denominação de Faculdade de Medicina de Bello Horizonte para Faculdade de Medicina da UFMG ocorreu por causa das mudanças em sua gestão. Em 7 de setembro de 1927, foi formada a Universidade de Minas Gerais (UMG), instituição privada e subsidiada pelo Estado que reuniu a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Direito, a Escola Livre de Odontologia e a Escola de Engenharia. Na segunda metade dos anos 1940, a UMG ampliou-se consideravelmente no plano acadêmico, com a incorporação de diversas escolas livres criadas em Belo Horizonte. Em 1949, a universidade foi federalizada, mas seu nome e sua sigla só foram alterados em 1965, por determinação do Governo Federal, passando a se tornar “pessoa jurídica de direito público, de ensino gratuito, mantida pela União, dotada de autonomia didático-científica, administrativa, disciplinar e de gestão financeira e patrimonial” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2018, *on-line*).

A Lei da Reforma Universitária, publicada em 28 de novembro de 1968, estabeleceu mudanças profundas nas universidades públicas brasileiras. No ano de 1971, como consequência dessa reforma, houve uma ampla revisão do ensino médico na FM, que resultou, entre outros desdobramentos, na ampliação dos serviços de extensão oferecidos pela faculdade, em vista da necessidade do vínculo entre o ensino e a realidade vivida pela comunidade externa. A partir da reestruturação curricular contemplada pela Lei da Reforma Universitária, foram criadas várias disciplinas optativas para a graduação, dentre elas a disciplina de História da Medicina, além da criação do Cememor.

A Resolução 02/79 do Conselho Departamental da Faculdade de Medicina, de 12 de junho de 1979, formalizou a criação do CMM. Estabelecia: 1º – um museu histórico propriamente dito, composto de “salas” com temas específicos; 2º – um museu de memória tecnológica; 3º – uma galeria de Medicina e arte; 4º – um laboratório de imagem e som; 5º – a disciplina de HM a ser ofertada em graduação e pós-graduação (CORRÊA; GUSMÃO, 1997, p. 105).

O Cememor foi criado para ser não apenas um museu, mas um verdadeiro laboratório para reunião e levantamento de objetos, documentos e depoimentos, reunindo estudiosos e interessados na memória da Medicina (CORRÊA; GUSMÃO, 1997).

Mesmo antes da criação do Cememor já havia um depósito que abrigava equipamentos médicos e obras antigas deixados por antigos professores, mas não havia até então qualquer iniciativa de organização e preservação desses itens. Esse acervo foi sendo organizado gradualmente, por diversas equipes, porém seu tratamento ainda não foi finalizado em vista das constantes doações que ocorrem até hoje, além de uma equipe técnica sempre reduzida.

O Cememor, atualmente, realiza inúmeras atividades e oferece muitos serviços às comunidades interna e externa à UFMG. Além da gestão das coleções arquivística, bibliográfica e museológica, o Cememor oferece visitas guiadas para turmas escolares e é o setor responsável pela organização da disciplina História da Medicina, que também é aberta ao público externo. O Cememor também pretende articular parcerias com os professores da FM para que pesquisas sejam desenvolvidas no Horto Medicinal Frei Veloso, que é um espaço pertencente à faculdade e destinado ao cultivo de exemplares de plantas medicinais.

## **TRABALHO REMOTO E ISOLAMENTO: DESAFIOS NA EXECUÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pandemia de COVID-19, que teve o agravamento de seu início no mês de março de 2020 em Belo Horizonte, culminou na publicação interna do Ofício Circular nº 11/2020/PRORH-GAB-UFMG, que determinava o trabalho remoto para diversos setores da Universidade (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2020). Assim, as atividades inicialmente contempladas no projeto, de natureza essencialmente presencial, tiveram que ser integralmente adaptadas ao novo contexto.

Sem acesso ao acervo documental dos fundadores e ao acervo de apoio do Cememor, foi preciso recorrer às bases de dados de outras instituições de memória e à imprensa periódica para reunir as fontes necessárias para elaborar as biografias de cada fundador. Então, dentre outras fontes, foram consultados os acervos das seguintes instituições:

- Academia Mineira de Medicina<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.acadmedmg.org.br/>

- Arquivo Nacional<sup>5</sup>;
- Arquivo Público Mineiro<sup>6</sup>;
- Biblioteca Nacional<sup>7</sup>;
- Fundação Ezequiel Dias<sup>8</sup>;
- Fundação Getulio Vargas<sup>9</sup>;
- Fundação Oswaldo Cruz<sup>10</sup>;
- Sistema de Bibliotecas da UFMG<sup>11</sup>;
- Dicionário Histórico das Ciências da Saúde BR<sup>12</sup>;
- Biblioteca Virtual Carlos Chagas<sup>13</sup>;
- Biblioteca do Senado<sup>14</sup>;
- Biblioteca de Obras Raras da Fiocruz<sup>15</sup>;
- Revista Médica de Minas Gerais<sup>16</sup>;
- Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de Montes Claros<sup>17</sup>

Após a conclusão da primeira etapa da pesquisa, que resultou nas biografias e no mapeamento de logradouros públicos e de instituições localizados em Belo Horizonte e nomeados em homenagem aos fundadores, a equipe do projeto passou a se dedicar ao planejamento de uma série de exposições virtuais sobre os fundadores. Optou-se pelo Instagram (perfil @cememorfmufmg) como rede social principal para a divulgação de conteúdo audiovisual e iconográfico, bem como para a divulgação das demais atividades do setor, apresentando suas exposições físicas e virtuais realizadas anteriormente, além dos projetos em desenvolvimento.

Para ilustrar essa série de exposições, a equipe recorreu a uma parcela da documentação sobre os fundadores que já havia sido digitalizada e que se encontrava disponível na nuvem, com acesso restrito aos funcionários do Cememor. A partir da triagem deste material e da

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/login.asp>

<sup>6</sup> Disponível em: [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos\\_colecoes/listagem.php](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos_colecoes/listagem.php)

<sup>7</sup> Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/>

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.funed.mg.gov.br/>

<sup>9</sup> Disponível em: <https://sistema.bibliotecas.fgv.br/>

<sup>10</sup> Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/>

<sup>11</sup> Disponível em: <https://catalogobiblioteca.ufmg.br/>

<sup>12</sup> Disponível em: <http://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/>

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.bvschagas.coc.fiocruz.br/>

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/4>

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.obrasraras.fiocruz.br/index.php>

<sup>16</sup> Disponível em: <http://rmmg.org/Home>

<sup>17</sup> Essa instituição não possui uma base de dados disponível para consulta remota, a demanda foi atendida via correio eletrônico.

biografia de cada fundador, foram elaborados os roteiros dos vídeos a serem produzidos para difusão na rede social, primando pelo uso de uma linguagem menos acadêmica e, portanto, acessível a um público mais amplo. Todas as narrações foram executadas pelos alunos bolsistas e os vídeos foram legendados com o propósito de otimizar a acessibilidade das exposições. Estabeleceu-se que cada vídeo produzido seria disponibilizado uma vez por semana. Além do próprio acervo do Cememor, foram também utilizadas fontes externas, devidamente creditadas na descrição de cada vídeo.

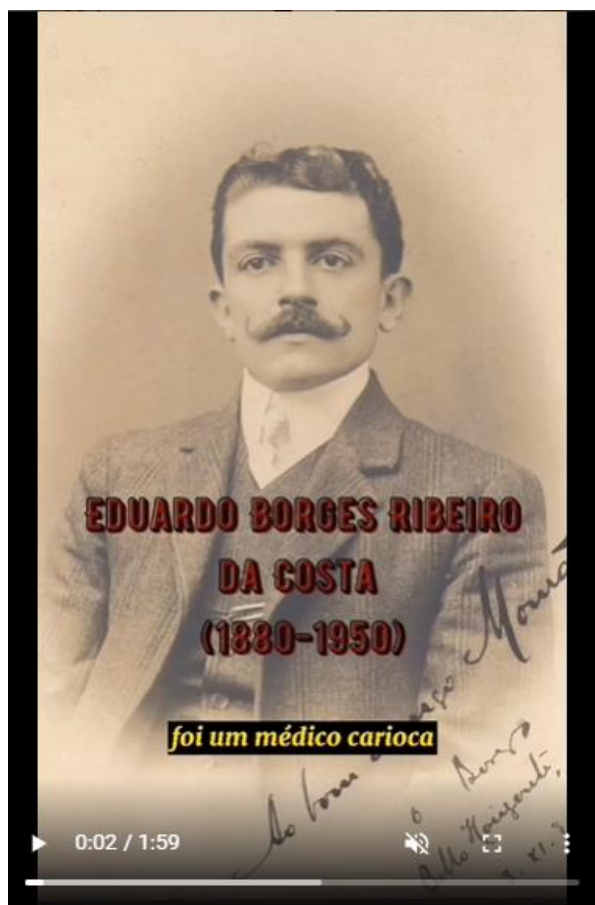
Até o mês de outubro de 2021, foram disponibilizados vídeos sobre a trajetória profissional de três fundadores: Eduardo Ribeiro Borges da Costa, Alfredo Balena e Samuel Libânio (Figuras 1 a 3, respectivamente). Os vídeos também foram disponibilizados no canal do YouTube do Cememor<sup>18</sup>. A ordem dos fundadores foi determinada pela quantidade de conteúdo digitalizado anteriormente e disponível na nuvem, logo, o fundador que tivesse mais documentação disponível seria priorizado em relação aos demais.

Além do planejamento e produção da série das exposições virtuais, os bolsistas envolvidos no projeto também passaram por capacitações em formato de encontros quinzenais para o debate de textos acadêmicos sobre Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e História. Também foi ministrado por uma voluntária externa um mini-curso sobre audiodescrição.

---

<sup>18</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCAwAood1z5xnix\\_tba3pKFw](https://www.youtube.com/channel/UCAwAood1z5xnix_tba3pKFw).

Figura 1 - Vídeo produzido sobre a vida de Eduardo Borges Ribeiro da Costa

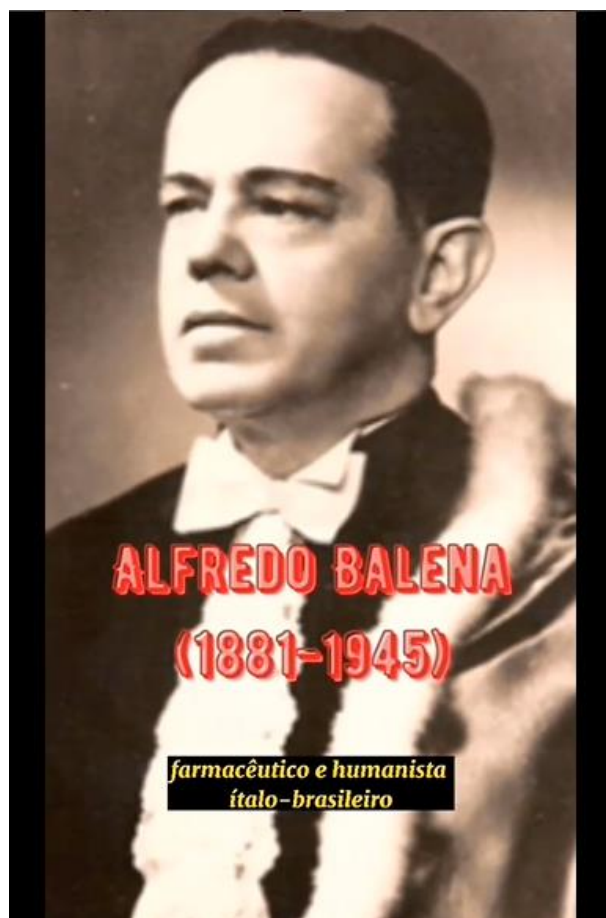


Fonte: [https://www.instagram.com/p/CUnC6I7J\\_PE/](https://www.instagram.com/p/CUnC6I7J_PE/)

Foram inseridas trilhas sonoras nos vídeos, para que a apresentação ficasse mais descontraída para o internauta. Todos os vídeos foram elaborados pelo *software* Canva, que permite a edição de vídeos de forma gratuita. As legendas, por sua vez, foram editadas utilizando-se o *software* Capcut.



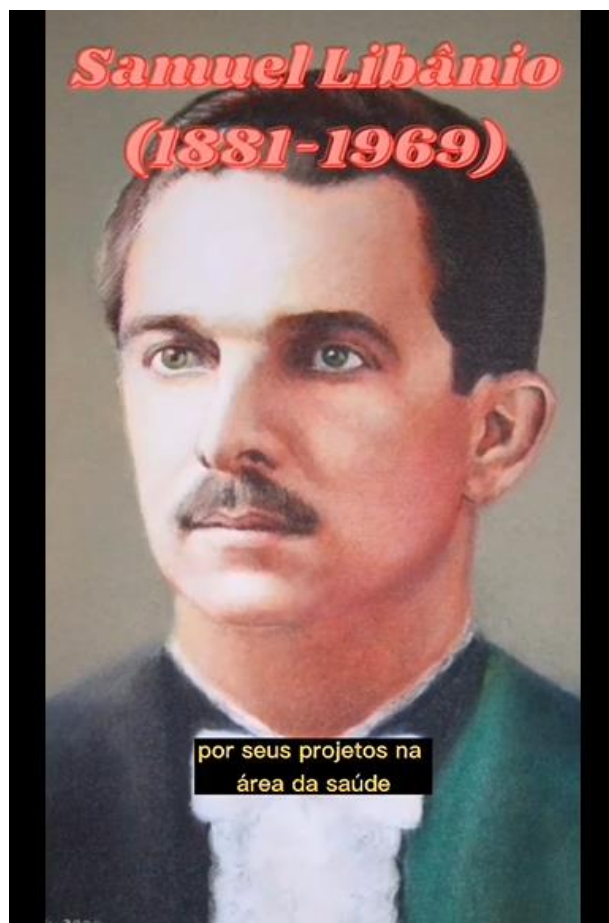
Figura 2 - Vídeo produzido sobre a vida de Alfredo Balena



Fonte: <https://www.instagram.com/tv/CU79MlppFxm/>

Como é possível observar nas Figuras 1, 2 e 3, foram utilizadas fotos e imagens dos fundadores para ilustrar as exposições. Assinaturas, recados e dedicatórias escritas a mão são comuns nos acervos pessoais desses fundadores, como é possível observar na Figura 1.

Figura 3 - Vídeo produzido sobre a vida de Samuel Libânio



Fonte: <https://www.instagram.com/tv/CVLR3kQJ-4P/>

Com o retorno gradual ao trabalho presencial e finalização do projeto, as biografias serão publicadas em artigos futuros, de forma mais detalhada.

Os vídeos são postados normalmente durante o dia, de acordo com o horário de Brasília para que as postagens tenham maior engajamento. Os níveis de engajamento com o conteúdo disponibilizado no Instagram estão sendo monitorados para que ajustes possam ser feitos, caso seja necessário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do trabalho remoto prejudicar o andamento pré-estabelecido do projeto, uma vez que a equipe ficou sem contato com o acervo físico por meses, houve o esforço coletivo de aprendizado em conjunto para que as atividades não ficassem totalmente paralisadas.

Houve uma certa dificuldade em encontrar fontes na internet a respeito da trajetória dos fundadores, resultando em um corpus documental bastante restrito.

A criação de uma conta no Instagram para o setor consistiu em uma iniciativa importante enquanto ferramenta de aproximação com o público. Anteriormente, as exposições virtuais eram exibidas apenas em televisores dispostos do lado de fora do setor e na página do Cememor, o que limitava o alcance desses conteúdos.

A educação patrimonial, porém, vai muito além da disseminação de conteúdos audiovisuais em redes sociais. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), trata-se de

um processo permanente e sistemático de trabalho educacional que tem por fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual coletivo o Patrimônio Cultural. Através da experiência e contato direto com as manifestações culturais em seus mais variados aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial objetiva levar os indivíduos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, possibilitando-os o usufruto mais responsável de sua herança cultural, o que é responsável pela produção de novos conhecimentos, em um processo constante de criação cultural (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4)

Infelizmente, por falta de mais iniciativas voltadas para a educação patrimonial, a maior parte da população que transita por localidades e monumentos que carregam os nomes desses fundadores pouco sabe sobre eles. Praça Hugo Werneck, Avenida Alfredo Balena e Alameda Ezequiel Dias são apenas alguns exemplos de endereços que comprovam a presença e importância dos idealizadores da FM na construção e no crescimento de Belo Horizonte.

A equipe do projeto pretende, com a renovação da bolsa e o fim da pandemia no país, executar as etapas do projeto que precisaram ser adiadas. Uma delas seria a elaboração de exposições físicas a serem exibidas no próprio Cememor, convidando os visitantes a conhecerem o Centro de memória, seus projetos e seu acervo. A outra, também de extrema importância, seria a realização de visitas nas escolas públicas da capital mineira para divulgar os conteúdos das exposições sobre os fundadores da FM.

## REFERÊNCIAS

CORRÊA, Edison José; GUSMÃO, Sebastião Nataniel Silva. 85 anos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: COOPMED/UFMG, 1997. 206 p.

HORTA, M. de L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 1999. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia\\_educacao\\_patrimonial.pdf.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf). Acesso em: 20 out. 2021.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Criação da Universidade de Minas Gerais**. Disponível em: <https://www.fisica.ufmg.br/memoria/criacao-da-umg/>. Acesso em: 10 out. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Ofício Circular nº 11/2020/PRORH-GAB-UFMG**. Suspensão das atividades administrativas de forma presencial e planejamento de trabalho remoto. 2020. 2 p.